

SIMPÓSIO AT138

SIMPÓSIO: Caminhos para o ensino de leitura e a da escrita no Brasil e suas relações com as práticas de letramento

SENTIR, INTERPRETAR E RECRIAR: IDEOLOGIA DE GÊNERO EM UM CLUBE DE LEITURA LITERÁRIA NO ENSINO MÉDIO

PINHEIRO, Alexandra Santos Pinheiro (professora da Universidade Federal da Grande Dourados-alexandrapinheiro@ufgd.edu.br).

Resumo: A comunicação apresenta os resultados de uma pesquisa-ação realizada no Ensino Médio de uma escola em tempo integral localizada em um bairro periférico da cidade de Dourados- Mato Grosso do Sul. A investigação foi amparada teoricamente pela estética da recepção e pela crítica feminista. Teve, como abordagem metodológica, a pesquisa-ação e a pesquisa-bibliográfica. A coleta de dados será gerada a partir dos encontros promovidos pelo clube de leitura, permeados pela leitura e pelo debate de narrativas curtas (contos ou crônicas). Em um momento em que o estado do Mato Grosso do Sul retira a Literatura de seu currículo, ações de investigação como esta objetivam pensar de que maneira o texto literário pode se fazer presente na sala de aula, sem trazer as marcas das cobranças de nota e de questões pragmáticas. Formar leitores literários nos últimos anos da Educação Básica é uma forma de garantir que os estudantes estejam mais amadurecidos para elegerem, de maneira autônoma, os seus livros e que possam seguir como leitores pela vida a fora.

Palavras-chave: Clube de leitura; literatura; Educação Básica.

Abstract: The paper presents the results of an action research carried out in High School of a full-time school located in a peripheral district of the city of Dourados-Mato Grosso do Sul. The research was theoretically supported by the aesthetics of reception and feminist criticism. It had, as a methodological approach, action research and bibliographic research. The collection of data will be generated from the meetings promoted by the reading club, permeated by the reading and debate of short narratives (short stories or chronicles). At a time when the state of Mato Grosso do Sul removes Literature from its curriculum, research actions like this aim to think how the literary text can be present in the classroom, without bringing the marks of the charges of note and of pragmatic questions. Forming literary readers in the last years of Basic Education is a way to ensure that students are more mature in order to autonomously choose their books and to be able to follow them as readers through life on the outside.

Keywords: Reading Club; literature; Basic education.

A motivação para esta pesquisa-ação

A investigação aqui apresentada aqui está em fase de aplicação. Nos dois últimos anos, orientei uma pesquisa de mestrado e uma pesquisa de Iniciação científica voltadas para a formação de clubes literários em instituições escolares. Motivada pelos resultados obtidos, decidi também propor uma

pesquisa-ação que me permitisse estar na escola, vivenciando na prática aquilo que eu venho orientado nos últimos anos. Para iniciar a exposição da investigação, trago a imagem de dois relatos de leituras, um situado no século XIX e o outro no século XX:

Minha mãe e minha tia se ocupavam com trabalhos de costuras, e as amigas para não ficarem ociosas as ajudavam. Dados os primeiros momentos à conversação, passava-se à leitura e era eu chamado ao lugar de honra. Muitas vezes, confesso, essa honra me arrancava bem a contragosto de um sono começado ou de um folguedo querido; já naquela idade a reputação é um fardo e bem pesado.

Lia-se até a hora do chá, e tópicos havia tão interessantes que eu era obrigado à repetição. Compensavam esse excesso, as pausas para dar lugar às expansões do auditório, o qual desfazia-se em recriminações contra algum mau personagem, ou acompanhava de seus votos e simpatias o herói perseguido.

Uma noite, daquelas em que eu estava mais possuído do livro, lia com expressão uma das páginas mais comoventes da nossa biblioteca. As senhoras, de cabeça baixa, levavam o lenço ao rosto, e poucos momentos depois não puderam conter os soluços que rompiam-lhes o seio.

Com a voz afogada pela comoção e a vista empanada pelas lágrimas, eu também cerrando ao peito o livro aberto, disparei em pranto e respondia com palavras de consolo às lamentações de minha mãe e suas amigas¹ (<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000311.pdf>. Acesso em 8 de abril de 2019).

À tarde, não havendo outros compromissos, dona Angelina reunia em sua casa algumas vizinhas interessadas em romances de folhetim. Aproveitavam a ocasião para fazer tricô e crochê, enquanto ouviam a leitura dos fascículos novos. Encarregadas da leitura, as filhas mais velhas de dona Angelina sabiam como ninguém dar ênfase às frases no momento preciso. Quatro fascículos eram comprados por semana e as duas jovens se revezavam: dois para cada uma (GATTAL, 2009, p. 105).

¹ Fragmento extraído da versão disponível no Domínio Público (<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000311.pdf>. Acesso em 8 de abril de 2019).

As cenas recuperam momentos em que o texto literário, fora das exigências formais que a instituição escolar preconiza, faz sentido para grupos de pessoas que sequer decodificam as letras. A literatura, lida em momentos de descontração, pode emocionar e oportunizar, na partilha de sentimentos comuns, o processo de identificação. Aqueles que leem e que ouvem sentem-se integrados pelas sensações e memórias despertadas a partir do texto literário. Em contrapartida, ao atravessar os muros que levam às salas de aula, a Literatura transfigura-se em escolas literárias, datas, estrutura e exemplos a ser seguido. No Ensino Fundamental, a sua força recai sobre a didatização. Ou seja, muitos professores se alegram quando encontram obras que possam auxiliá-los a discutir temas como o meio ambiente, o comportamento ético ou que configure como bons exemplos de escrita. No Ensino Médio, o texto literário cede espaço à preocupação com o vestibular e em função dele um excesso de conteúdo precisa ser memorizado. Ao final, nos resta a manutenção do que as investigações insistentemente repetem: na luta pela formação de leitores, a escola segue perdendo.

A realidade que move o meu olhar para o tema está situada no interior do Mato Grosso do Sul, em Dourados, a segunda maior cidade do estado. Trata-se de um espaço de disputa entre grandes fazendeiros e indígenas e marcado por uma visível desigualdade social. Em janeiro de 2017, a resolução 3.196 excluiu a disciplina de literatura da Matriz Curricular do Ensino Médio (<https://www.correiodoestado.com.br/arte-e-cultura/fim-da-displina-de-literatura-na-rede-publica-gera-polemica/297233/>. Acesso em 3 de abril de 2019). A Literatura, que ainda é cobrada no Enem e nos vestibulares, foi inserida na disciplina de Língua Portuguesa, que, por sua vez, passou a ter uma aula a mais. Os cursos de Letras das universidades públicas e particulares do estado se mobilizaram, entretanto, a decisão foi mantida e, em nenhum momento, houve abertura da Secretária do estado para o debate.

Se antes a disciplina de Literatura, com duas aulas semanais, pautava-se na preparação para o vestibular, com a possibilidade esporádica para a leitura de um conto ou um poema; agora, o processo tornou-se ainda mais

pragmático. Para ter mais tempo, a eventual leitura de poemas ou de contos são inseridas nos conteúdos de Língua Portuguesa e, assim, o que poderia ser utilizado para a formação humanística dos estudantes, torna-se exemplos de adjetivos, advérbios, regras de pontuação, dentre outros assuntos gramaticais, repetindo-se o que já era praticado no Ensino Fundamental. Neste cenário, cabe à universidade, a meu ver, o compromisso em oferecer aos professores uma formação continuada que lhes permitam visualizar possibilidades para desnudar a literatura de suas amarras burocráticas, permitindo, assim, que os estudantes vivam momentos de descontração, reflexão e de partilha a partir do texto literário.

Este compromisso me leva à escola. Neste momento, em uma pesquisa-ação que não se centra na formação para os docentes. Busco experimentar uma das possibilidades de trabalho pensadas por mim para, assim, poder oferecer aos professores da Educação Básica uma formação continuada pautada no resultado de minha pesquisa-ação. O clube de leitura de leitura que será constituído na segunda escola integral da cidade já foi aplicado por mim em outro contexto. Entre 2017-2018, orientei a pesquisa aplicada por um bolsista de Iniciação Científica para os últimos anos do Ensino Fundamental. Na ocasião, identificamos, em diálogo com a docente de Língua Portuguesa da instituição, o amadurecimento dos estudantes envolvidos em relação à escrita e à oralidade também.

A presente pesquisa-ação também será desenvolvida em parceria com a professora de Língua Portuguesa da Escola Estadual Antônia da Silveira Capilé. Nesta escola, atuei como coordenadora do Pibid Letras e a professora parceira, na época, era a supervisora. A relação com a instituição, sem dúvida, facilita o processo da investigação. A favor, também conta a estrutura da escola integral. Além das aulas curriculares, os estudantes do Ensino Médio podem escolher disciplinas eletivas, ofertadas pelos próprios professores a partir de sua área de formação. Assim, ao longo desta pesquisa, atuarei com a professora titular nos encontros da eletiva de Língua Portuguesa, levando diferentes textos literários para serem lidos em conjunto, e provocando o

olhar para os aspectos estruturais e para os sentidos que a Literatura possa ou não acionar nos estudantes em relação a temas voltados para as relações de gênero. O registro destes encontros será elaborado a partir de um diário de campo, onde constará a reprodução dos comentários. Para registrar os resultados, farei uso de gravadores de áudio e de um diário de campo.

1. Clube de leitura: literatura e relações de gênero

Dois conceitos são fundamentais para compreender os objetivos desta pesquisa-ação: o da mediação do texto literário e o das relações de gênero. Para pensar o primeiro, tomo como apoio o estudo da Estética da Recepção, corrente proposta pelo alemão Hans Robert Jauss. Em meados de 1960, com base nas contribuições de outros estudiosos, entre eles Wolfgang Iser (1926-2007), Jauss propôs uma história da arte e da literatura centralizada no leitor, deixando como segundo plano o texto e o autor. Para tentar superar o abismo entre a história literária e a estética da recepção, Jauss apropria-se das concepções teóricas do marxismo e do estruturalismo.

Três funções básicas nos são apresentadas por Jauss: as atividades produtivas, receptivas e comunicativas. A *Poiesis* seria capacidade de produzir, o leitor preenche as “lacunas” do texto numa interação entre o autor e leitor/receptor; a *Aisthesis* é, por sua vez, a faculdade de sentir ou compreender pelos sentidos, ou seja, o que a obra causa no leitor, momento da recepção, a visão de mundo. A *Katharsis*, por fim, é a comunicação, o ímpeto criativo do artista, enquanto expressa algo de sua afetividade ou até de sua sensibilidade. Por meio do diálogo entre texto e leitor, a criação literária atua sobre um público, oferecendo padrões de comportamento. Autor e obra estão relacionados num contexto da história no momento em que se dá a leitura (Cf. JAUSS, 1979).

As teses de Jauss sobre a relação entre leitor e obra são reforçadas pelos estudos de Márcia Abreu (2006). Ao refletir sobre o texto literário, literariedade e qualidade estética, a autora nos permite conhecer melhor a aceitação de obras pouco consideradas pela crítica. Abreu questiona a definição de “melhores literaturas”, e argumenta que, quando se trata de gosto

literário, não há um consenso. Em contrapartida, os *Best Sellers*, livros que atingem números grandiosos de vendas e leitores, são renegados por intelectuais e professores, por não serem o tipo de livro aceito entre os críticos. Desde cedo, aprendemos quais livros devemos ou não devemos ler. É a escola quem nos ensina quais são os recomendáveis (o que não está citado nos livros didáticos, portanto, nem sequer entra em questão).

Contrariamente a esta imposição, Márcia Abreu afirma que a literariedade não se encontra somente no texto, mas sim na maneira com que este é lido (ABREU, 2006, p.29). As obras consideradas “Grande Literatura”, de acordo com a autora, estão mais relacionadas com questões políticas do que com o texto em si. O prestígio dos intelectuais em definir literatura, grande literatura, o que é literário, acaba se revelando como a única verdade apresentada. As instâncias de legitimação decidem quais obras obtêm o valor estético e literário. Desta forma, minha atuação priorizará ambos textos narrativos: de autores (e autoras) renomadas ou não pela crítica literária. A ideia é de que estas narrativas, além de proporcionarem o espaço para a fruição e para o conhecimento de todos os aspectos que envolvem o texto literário, possam também permitir a reflexão acerca das relações de gênero, uma tema que nasceu da própria indagação dos estudantes da escola Capilé.

Por relações de gênero, compreendo, a maneira com que distintos sujeitos: mulheres e mulheres, homens e homens ou homens e mulheres se relacionam e estabelecem os códigos ou os papéis que, em algum momento de sua trajetória de vida, foram assimilados por eles. Estes códigos, entretanto, não são estáticos, eles podem ser alterados a partir de fatores econômicos, religiosos, históricos, dentre outros. Em suma, parto da convicção de que gênero é uma construção social² e que esta construção se dá a partir das relações entre os diferentes sujeitos. É por isto que, o clube de leitura proposto aos jovens do Ensino Médio da escola Capilé busca refletir de maneira integral

² Sugiro a leitura da obra BUTLER, Judith P. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2003. Ainda que pese sobre esta obra muitas críticas, aqui encontramos uma das primeiras sistematizações do conceito de gênero.

na construção social dos homens e de mulheres, em uma corrente atual, conforme esclarece Margareth Rago:

a categoria do gênero abre, ainda, a possibilidade da constituição dos estudos sobre os homens, num campo teórico e temático bastante renovado e radicalmente redimensionado. Após a 'revolução feminista' e a conquista da visibilidade feminina, após a constituição da área de pesquisa e estudos feministas, consagrada academicamente em todo o mundo, os homens são chamados a entrar, desta vez, em um novo solo epistêmico. É assim que emergem os estudos históricos, antropológicos, sociológicos – interdisciplinares – sobre a masculinidade, com enorme aceitação. Cada vez mais, portanto, crescem os estudos sobre as relações de gênero, sobre as mulheres, em particular, ao mesmo tempo em que se constitui uma nova área de estudos sobre os homens, não mais percebidos enquanto sujeitos universais (RAGO, 1998, p. 37-8).

Ainda é importante explicitar que a construção desta pesquisa-ação nasceu a partir do interesse dos próprios estudantes. No ano de 2018, uma de minhas ídas à escola objetivou proferir uma conversa, durante a eletiva de Língua Portuguesa, acerca dos princípios das relações de gênero. Naquele momento, partilhei algumas informações acerca do conceito de gênero e preferi otimizar o tempo lendo alguns contos da obra *Contos de Amor rasgados*, de Marina Colasanti. Conforme líamos, as indagações foram surgindo e os alunos foram se reconhecendo, culminando em uma gama de sentimentos que se alinhavam com o texto literário e com a troca de saberes que os jovens trouxeram. Ao sair, uma estudante me interpelou e disse que precisava de ajuda para selecionar bons textos literários para ler com um grupo interessado em seguir com o debate.

Enviei a ela, por e-mail, várias sugestões e, motivada pela constante troca de diálogo, elaborei esta pesquisa-ação. O clube de leitura, portanto, pretende oportunizar um espaço para a formação de leitores. De sujeitos que, independentemente da profissão que escolham, sejam despertados para o mundo da leitura literário. Ao mesmo tempo, que o clube se configure como um momento em que se possa pensar as relações entre os sujeitos e que, a partir da troca de interpretação dos textos lidos e das experiências de vidas partilhadas, seja possível construir uma ponte para que os jovens envolvidos

no projeto possam redimensionar construções de gênero pautadas na supremacia de um em detrimento da submissão do outro.

Referências:

- GATTAI, Zélia. *Anarquistas, graças a Deus*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- Alencar, José. *Como e porque sou romancista*. (<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000311.pdf>). Acesso em 8 de abril de 2019.
- ABREU, Márcia. *Cultura Letrada: literatura e leitura*. São Paulo: Editora UNESP, 2006.
- AZEVEDO, Ricardo. “Razões para a formação de leitores”. In.: SOUZA, Renata Junqueira (org.). *Caminhos para a formação do leitor*. São Paulo: DCL, 2004.
- BORDINI, Maria da Glória & AGUIAR, Vera Teixeira. *Literatura: a formação do CANDIDO*, Antonio. “A literatura e a vida social”. In.: *Literatura e Sociedade*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1967. pp. 19-45
- COSSON, Rildo. *Letramento Literário: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2006.
- DEMO, Pedro. *Pesquisa: princípios científico e educativo*. São Paulo: Cortez, 1999.
- JAUSS, Hans Robert *Et al. A literatura e o leitor: textos de estética da recepção*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- LAJOLO, Marisa. *Do mundo da leitura para a leitura do mundo*. São Paulo: Ática, 2002.
- PAIVA, Aparecida (org.). *Literatura e Letramento: espaços, suportes e interfaces, o jogo do livro*. Belo Horizonte: Autêntica/CEALE/FAE/UFMG, 2003.
- para formar leitores. Belo Horizonte: Formato Editorial, 2004. (Educador em formação).
- RAGO, Margareth. *Descobrendo historicamente o gênero*. In: *Cadernos Pagu*. Campinas: Ed. da Unicamp, 1998, p. 89-98
- SOUZA, Renata Junqueira (org.). *Caminhos para a formação do leitor*. São Paulo: DCL, 2004.
- ZALUAR, Alba (org.). *Violência e Educação*. São Paulo: Corte editora, 1992.
- ZILBERMAN, Regina. *Estética da recepção e história da literatura*. São Paulo, Ática, 1989.